

# YELLOW ROSE (1923): A CLASSE S NO JAPÃO IMPERIAL (1868 - 1945)

YELLOW ROSE (1923): CLASS S IN IMPERIAL JAPAN (1868-1945)

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo principal discutir o romance japonês *Yellow Rose*, publicado primeiramente em 1923 pela escritora Nobuko Yoshiya (1896-1973). A partir dessa leitura, buscaremos analisar como a chamada *Classe S*, formada por garotas e jovens mulheres que tinham relações íntimas entre si, era vista nos tempos do Japão Imperial (1868-1945), assim como a forma que o grupo era retratado nas obras literárias do país naquele período. Ademais, também visaremos algumas considerações sobre a vida da própria autora, Yoshiya, uma vez que, em sua vida pessoal, também fazia parte da *Classe S*, ficando suas obras conhecidas pelo caráter autobiográfico. Tendo em vista tal objetivo, partiremos das análises de Debora Shamoon (2012); Sarah Frederich (2005; 2006; 2016) e Kanako Akaeda (2017), teóricas que já trouxeram à baila discussões concernentes aos corpos e discursos lésbicos, levando-se em conta as diferenças que esse termo carrega no mundo ocidental e, mais especificamente, no Japão, sobretudo durante o Grande Império. Com essa pesquisa, buscamos colaborar com uma melhor compreensão sobre as diferentes facetas e interpretações das relações que aquelas meninas desenvolviam durante a época demarcada<sup>1</sup>.

**Palavras-chave:** Literatura japonesa. Classe S. Lesbianidade.

## ABSTRACT

This paper mainly aims to discuss the Japanese novel *Yellow Rose*, published for the first time in 1923 by the writer Nobuko Yoshiya (1896-1973). Based on that reading, we aim at analyzing how the so-called *Class S*, formed by teenage girls and young women who had intimate relationships among them, was seen in Imperial Japan (1868-1945), as well as the way the group was portrayed in literary work in the country during that period. Also, we will look at Yoshiya herself, since she, in her personal life, was also part of *Class S*, and her books were known for being autobiographic. With a view to achieving that objective, we will be based on the analyzes made by Debora Shamoon (2012); Sarah Frederich (2005; 2006; 2016); and Kanako Akaeda (2017), theorists who already brought discussions about lesbian bodies and discourses, keeping in mind the differences of such discussions on Western and Japanese contexts, especially

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

---

### Jéssica Akemi Kawano Ribeiro

Doutoranda no curso de Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM). ORCID: 0000-0002-8384-1598. E-mail: jessica.akemi\_@hotmail.com

### Alba Krishna Topan Feldman

Doutora docente no curso de Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM). ORCID: 0000-0002-4588-5661. E-mail: aktfeldman@uem.br

during the Great Japanese Empire. With that research, it is possible to have a bigger comprehension on the different aspects and interpretations of the relationships those girls developed during that specific time.

**Keywords:** Japanese literature. Class S. Lesbianism.

## Introdução

A curta narrativa de *Yellow Rose*<sup>2</sup> de Nobuko Yoshiya<sup>3</sup> retrata a relação íntima entre Misao Katsuragi, uma jovem professora de 22 anos que começa a trabalhar em uma escola feminina há milhas de distância de Tóquio, e sua aluna do último ano Reiko Urakami, de apenas 17 anos. No decorrer da obra, a autora traz, mesmo que de modo sutil, um relacionamento entre duas mulheres como o tema central, o que pode parecer surpreendente para uma obra publicada primeiramente em 1923, quando o Japão vivia os últimos anos do chamado Período Taishō (1912-1926).

Vale-se considerar que, mesmo que criticadas e questionadas<sup>4</sup>, as relações íntimas entre garotas e jovens mulheres, principalmente em contexto escolar, eram frequentes no Japão Imperial e em sua literatura, conforme pontuado por Sarah Frederich (2006). Essas relações foram retratadas também em outras obras de Nobuko Yoshiya, como *Friendship between Women*<sup>5</sup>, assim como em textos de outras autoras que publicavam em revistas femininas como o *Women's Club*.<sup>6</sup> Contudo, o envolvimento entre mulheres era considerado no mais das vezes apenas como uma amizade íntima e uma preparação para a vida marital adulta e heterossexual. Tais relações podem ser comparadas com as relações entre homens na Grécia Antiga, onde um homem mais velho tornava-se “mentor” de um jovem rapaz, introduzindo-o ao mundo intelectual e também sexual.

A partir da discussão da obra supracitada, objetivamos apresentar o tema, ainda pouco estudado no Brasil, da *classe S* em terras japonesas, contribuindo para uma maior visibilidade da temática. Ademais, visamos analisar a novela *Yellow Rose* à luz das informações sobre a autora e do contexto histórico de sua escrita. Para fins didáticos, o texto será dividido em três seções, tratando, respectivamente: sobre a autora Nobuko Yoshiya; o romance *Yellow Rose*; e a *classe S* no Japão Imperial e na literatura da época.

---

2 Título em japonês: きばら (*kibara*).

3 吉屋信子.

4 Por exemplo, o artigo *A horrível inversão sexual entre mulheres*, de Kuwatani Teiitsu, publicado no jornal *Shinkouron* (1911 apud AKAEDA, 2005). As críticas apareceram mais fortemente principalmente após alguns casos famosos de suicídios duplos entre meninas e jovens mulheres no Japão (COITO; RIBEIRO, 2020).

5 Título em japonês: 女の友情 (*Onna no Yuujou*)

6 Título em japonês: 婦人倶楽部 (*Fujinkurabu*).

## Nobuko Yoshiya (1896-1973)

Nobuko Yoshiya viveu entre 1896 e 1973, e foi uma escritora ativa tanto no Período Taishō (1912-1926) quanto Shōwa (1926-1989), sendo considerada uma das novelistas mais bem-sucedidas e comerciais da época. Seus escritos foram adaptados para filmes, rádio, Teatro Takarazuka,<sup>7</sup> televisão e mangá, conseqüentemente, tendo forte influência na cultura japonesa (FREDERICK, 2005, p. 66).

Suas novelas eram dirigidas principalmente para garotas e tratavam na maioria das vezes das relações íntimas entre garotas e jovens mulheres, sobretudo em contexto escolar e universitário. Yoshiya é considerada a pioneira da literatura lésbica japonesa, na época nomeada como *classe S*. Atualmente, sua obra, sobretudo a novela *Duas virgens no sótão* (1919)<sup>8</sup>, é considerada protótipo dos mangás *yuri*, do japonês “lírio”, e também conhecido como GL (*girls' love*), cujas obras tratam de relações românticas entre mulheres.<sup>9</sup>

Embora aqui nos interesse principalmente Yoshiya como escritora e suas novelas, se torna importante também mencionar a trajetória pessoal da autora, uma vez que vai ao encontro de seus livros, muitas vezes considerados autobiográficos. Ela foi uma mulher lésbica na década de 20, em um Japão que sequer possuía a palavra “lésbica” no dicionário. As relações linguísticas, é claro, acompanhavam as relações sociais - naquele período, os homossexuais não eram considerados sujeitos sociais, logo, não estavam dicionarizados. Chamada frequentemente de “garoto”, a sociedade da época considerava Yoshiya ocidentalizada por não saber ser “feminina” segundo os preceitos japoneses, e leste-asiáticos no geral, de “Boa Esposa, Mãe Sábia”<sup>10</sup>, ou seja, de que a mulher deve ter como principal função cuidar da casa, do marido e dos filhos.

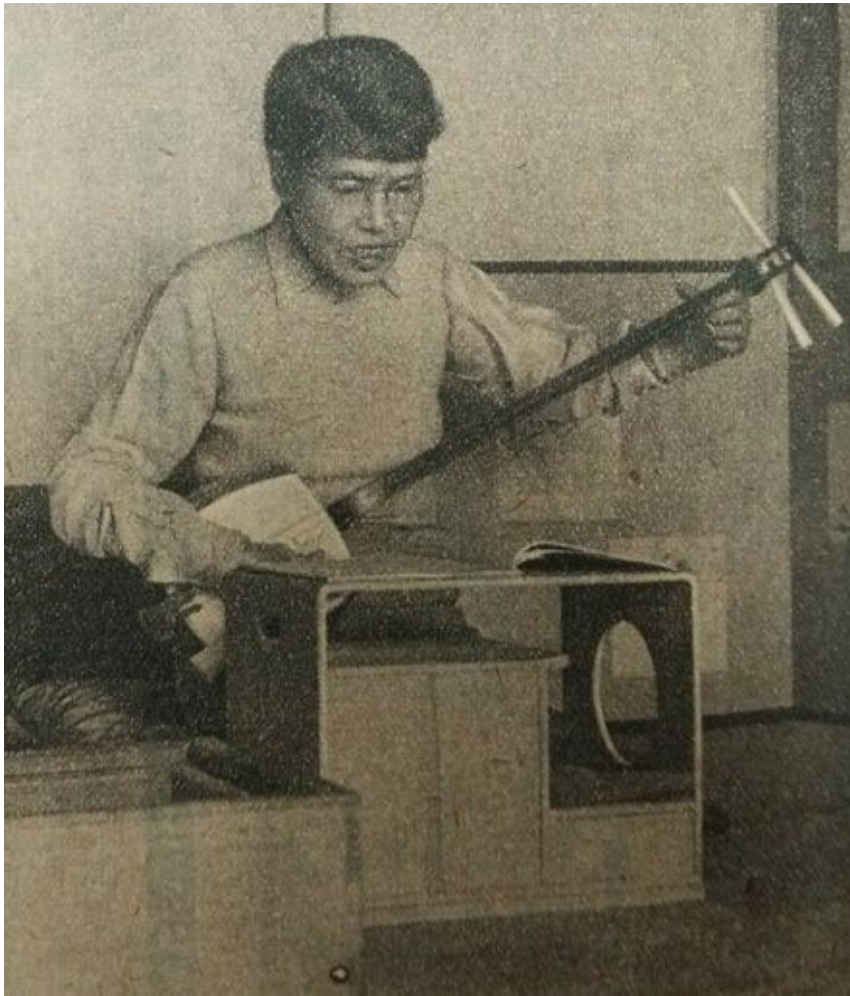
7 Em japonês: 宝塚歌劇団 (*Takarazuka Kagekidan*). Companhia de teatro japonesa composta apenas por mulheres, formada em 1913 e atuante até o momento.

8 Título em japonês: 屋根裏の二處女 (*Yaneura no nishojo*).

9 No ocidente, comumente se diferencia os mangás *yuri* (mangás lésbicos com conteúdo pornográfico) de mangás *shoujo-ai* (mangás lésbicos sem conteúdo pornográfico). Contudo, no Japão, os termos *yuri* ou GL são sempre preferíveis; uma vez que *shoujo-ai* (少女愛) significa, literalmente, “amor por meninas menores de idade”, ou seja, pedofilia.

10 良妻賢母 (Ryosai Kenbo).

**Figura 1** - Nobuko Yoshiya



**Fonte:** IMBLER, 2020.

Em 1923, com 27 anos de idade, Yoshiya conheceu Monma Chiyo, uma professora de matemática em uma escola para garotas em Tóquio. Ao passar de um ano já moravam juntas e eram companheiras inseparáveis. Conforme trazido por Sabrina Imbler (2019), Monma teve que passar 10 meses viajando devido ao trabalho, período em que recebeu a proposta pragmática de Nobuko:

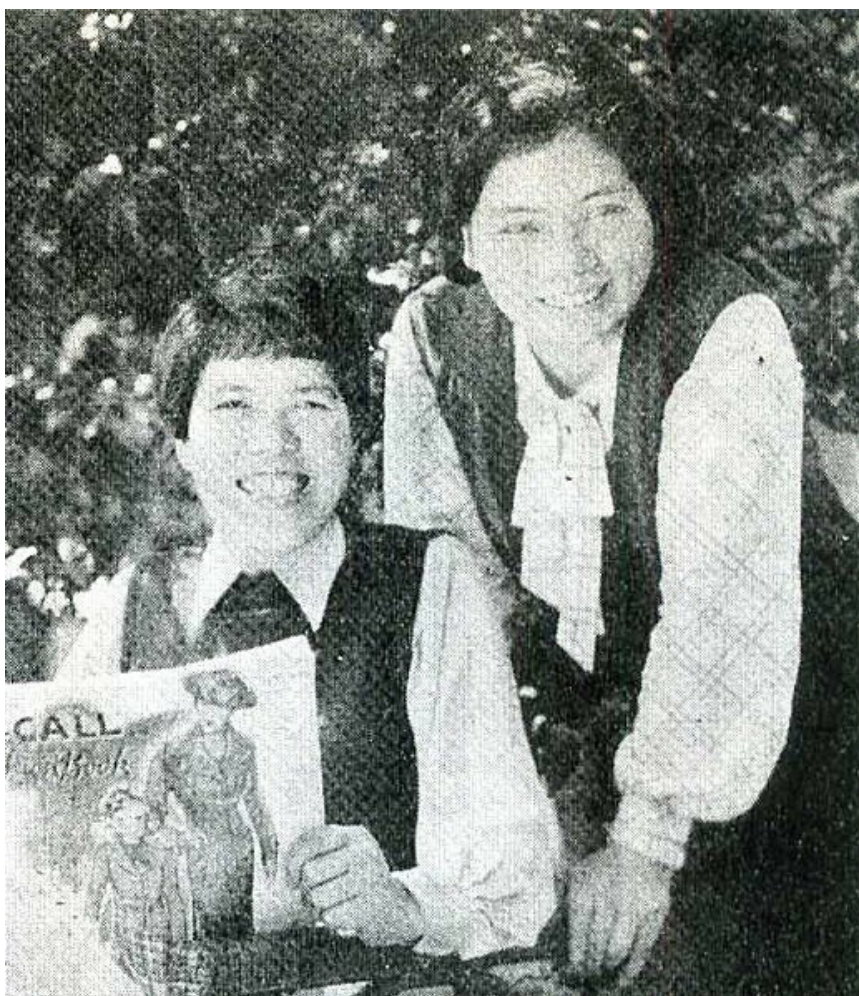
1. Nós construiremos uma pequena casa para nós duas.
2. Eu me tornarei a chefe da família e oficialmente te adotarei.
3. Pediremos a um amigo que sirva de intermediário e teremos uma cerimônia de casamento. (IMBLER, 2019, *online*)<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> Tradução nossa do inglês: “1. We will build a small house for the two of us. / 2. I will become the head of household and officially adopt you. / 3. We will ask a friend to serve as a go-between, and hold a wedding reception”.

Sem a possibilidade de se casarem, em 1957, Yoshiya adotou Chiyo legalmente como sua filha, prática que até hoje é considerada comum entre homossexuais no Japão, por ser uma das únicas formas de estabelecerem uma relação legal e adquirirem alguns direitos civis como família.<sup>12</sup> Tal procedimento legal, embora pareça aos olhos ocidentais uma forma de esconder os relacionamentos homossexuais, pode ser também visto como revolucionário, tendo em vista que, longe de serem consideradas mãe e filha, o processo de adoção era uma forma de, dentro das possibilidades existentes, legalizar e expor tal relacionamento romântico.

**Figura 2** - Nobuko Yoshiya e Monma Chiyo



**Fonte:** COELHO, 2021

Yoshiya quebrou muitos padrões da sociedade japonesa da época, ademais de sua sexualidade, ela foi também uma das primeiras mulheres japonesas a cortar o

---

<sup>12</sup> Atualmente, alguns governos locais no Japão reconhecem a união estável homossexual, como é o caso de Shibuya e Osaka. Ainda assim, se trata de um certificado “simbólico” que não possui validade em outras regiões.



cabelo curto e ter seu próprio carro. Também foi ela quem projetou a casa onde vivia com Chiyo, em Kamakura, onde atualmente há um museu em sua memória.

**Figura 3** - Museu em memória de Nobuko Yoshiya



Fonte: IMBLER, 2019.

Ainda assim, sua escrita não era considerada totalmente subversiva para a época, como supracitado, as relações entre meninas não era algo novo na literatura do Japão Imperial, e as personagens de Yoshiya eram, no geral, jovens e mulheres “boazinhas” e excessivamente femininas (FREDERICK, 2005, p. 65). Ademais, alguns fatores em suas obras foram se alterando no decorrer dos anos, o que pode também ter sido resultado de uma pressão social, como veremos a seguir.

Obras mais antigas como *Duas virgens no sótão* (1919), a qual apresenta fortes traços autobiográficos, se encerra com a união das duas mulheres, que compreendem que não necessitam de uma figura masculina e decidem, ao final, por morar juntas; contudo, a maioria dos livros de Nobuko Yoshiya, principalmente após 1925, mostram as relações entre mulheres como “relações entre irmãs”, amizades profundas e fortes, principalmente entre mulheres adultas infelizes com seu casamento heterossexual – tema comum na literatura da época, o que aumentou sua popularidade.

Ainda no que diz respeito às obras de Yoshiya classificadas como *classe S*, os finais felizes não eram muito frequentes, padrão também comum em obras fora da

heteronormatividade em geral, não somente no Japão, como forma de taxar aquele “comportamento” homossexual como algo que, ainda que existente e ali representado, era nocivo e não um caminho possível e feliz. Como pontuado por Clémence Leleu (2020), a autora tratava de relações platônicas, amores não correspondidos e desejos escondidos – o que permitia a ela não apenas passar impune pela censura, mas se tornar popular e querida pelo público. Comumente as novelas terminavam com o suicídio como forma de escapar de um casamento arranjado ou com a separação das duas jovens para seguir suas vidas dentro do padrão esperado pela sociedade da época. No segundo caso, enquadra-se a obra que trabalharemos aqui: *Yellow Rose*.

## *Yellow Rose*

O romance *Yellow Rose* faz parte da coleção *Flower stories*<sup>13</sup>, lançada na revista *Girls' Pictorial*<sup>14</sup> pela primeira vez em 1920 no Japão e sendo atualizada com novos contos no decorrer dos anos até 1924. A coleção traz mais de 50 contos escritos por Nobuko Yoshiya sobre e para jovens mulheres, desde adolescentes na escola até jovens entrando na vida adulta, no começo do século XX no Japão. As histórias possuem nome de flores e costumam ter a flor de seu título como importante referência para a trama. A relação entre as mulheres e as flores é um traço marcante também em outras culturas, sobretudo patriarcais, colocando-as como delicadas, belas, perfumadas e de vida curta - se pensamos pelo viés reprodutivo por um olhar heterossexual do corpo feminino.

Embora seja uma história consideravelmente curta, *Yellow Rose* foi publicada de forma seriada entre abril e setembro de 1923 (FREDERICK, 2016). Em 2015, foi traduzida pela primeira vez para o inglês por Sarah Frederick, estando atualmente apenas disponível em e-book versão Kindle pelo site de vendas *Amazon*.<sup>15</sup> *Yellow Rose* e *Foxfire*<sup>16</sup> são os únicos textos de Yoshiya traduzidos para o inglês até o momento e não há registro de quaisquer traduções da autora para o português. Para esta pesquisa, utilizamos a versão em inglês de Frederick, em sua segunda edição publicada em 2016.

O e-book possui apenas 54 páginas, sendo 37% dele a introdução da tradutora e uma vasta lista com recomendações de leituras: outros romances de Yoshiya, assim como artigos sobre a autora ou a chamada *Girls' Culture*. Frederick traz considerações sobre a vida de Yoshiya, as publicações da autora e sobre o conto *Yellow Rose* em detalhes. A tradutora também traz uma análise sensível da literatura lésbica e da lesbianidade no Japão Imperial e pós-ocupação,<sup>17</sup> que utilizaremos em nossas discussões subsequentes.

13 Em japonês: 花物語上 (*Hana Monogatari*).

14 Em japonês: *Shōjo gahō*.

15 Disponível em: <https://www.amazon.com/Yellow-Rose-Yoshiya-Nobuko-ebook/dp/B01G33XY1O>. Acesso em 27 jul. 2022.

16 Em japonês: 鬼火 (*Onibi*), traduzido por Lawrence Rogers (2000).

17 Utiliza-se o termo pós-ocupação pois trata-se do período a partir de 1952, quando as Forças Aliadas da Segunda Guerra Mundial desocuparam o país. Compreende-se que, após os bombardeamentos de

*Yellow Rose* conta a história de duas personagens: a professora Misao Katsuragi e a estudante Reiko Urakami. Misao, professora recém-formada, possui apenas 22 anos quando aceita uma oferta de trabalho em um colégio feminino<sup>18</sup> em uma pequena cidade não nomeada, a milhas de distância de Tóquio. Isso não ocorre por amor e dedicação à profissão, mas principalmente como uma tentativa de fugir do casamento, o próximo passo oferecido à maioria das jovens mulheres após se formarem. Reiko Urakami tem 17 anos e está no último ano, nosso equivalente ao 3º ano do Ensino Médio, nessa mesma escola, se tornando, portanto, uma aluna de Katsuragi.

O primeiro encontro das duas se dá antes de chegar à escola, na estação ferroviária de Tóquio. Ao soar do sino avisando que faltavam cinco minutos para o trem partir, Misao escuta passos apressados, é Reiko com seu pai. A menina carrega sua bolsa na mão esquerda e, na direita, um buquê de rosas amarelas, encantando Misao, em cena utilizada no título da novela.

[...] ela estava correndo em direção à cabine, em sua mão esquerda, uma bela bolsa com uma borla decorada com miçangas de vidro - e em sua mão direita, um buquê de flores, um breve vislumbre delas projetando-se através de um vão no papel de estilo ocidental branco e rígido no qual elas estavam embrulhadas, e parecendo que elas haviam acabado de nascer de uma jardineira, com gotas de orvalho ao acordar de seu puro sono da manhã - rosas amarelas! Ah, rosas amarelas! (YOSHIYA, 2016, p. 27)<sup>19</sup>

É apenas em abril, na sala de aula da Escola Municipal de Ensino Médio para Garotas xxxxx<sup>20</sup> pela primeira vez, que a professora vai rever Reiko e suspeitar que aquela sua aluna de inglês era a menina da estação de trem e das rosas amarelas. Primeiramente, reconhecendo o vaso com uma rosa amarela em uma das mesas e, então, ao vê-la entrando na sala.

No mês seguinte, a relação entre as duas se torna mais próxima, pois em uma viagem para o campo a professora mais velha responsável pelo cuidado das alunas, a qual recebeu o apelido “The Grand Madame”, teve que faltar para cuidar de sua saúde, sendo Katsuragi escolhida para substituí-la. No decorrer da viagem, Urakami machuca seu olho e a professora vai tomar as devidas providências, levando-a a um

---

Hiroshima e Nagasaki em 1945, o país desistiu das guerras e ocupações, adotando até hoje o posicionamento de um país pacífico e tolerante. Muitos jovens ignoram totalmente o passado sangrento do país, o que é reforçado pela estética *kawaii* (fofo, em japonês).

18 Em japonês: 女学校 (jogakkō).

19 Tradução nossa do inglês: “[...] she was running towards their compartment, in her left hand a beautiful purse with a tassel decorated with glass beads — and in her right hand, a bouquet of flowers, a faint glimpse of these protruding through a gap in the stark white Western-style paper in which they were wrapped, and looking as if they had just emerged from a greenhouse window still dripping with dew waking from their clean morning slumber — yellow roses! Ah, yellow roses!”

20 Nome da escola conforme utilizado na tradução de Frederich (2016), provavelmente, a forma encontrada pela própria Yoshiya para mantê-lo anônimo.



oftalmologista. É ali, sozinhas, que Katsuragi questiona se ela, de fato, era a moça do trem – pergunta para a qual recebe uma resposta afirmativa, embaraçada e ruborizada.

“Senhorita Uramaki, eu tenho a impressão que já te encontrei antes, vindo para essa escola”, ela disse, falando dessas memórias pela primeira vez.

“Hum, sim, eu sei disso, hum... na estação de Tóquio...”, respondeu a garota, com o rosto ficando vermelho.

[...]

“Nós quase perdemos o trem e eu tive que correr muito rápido... eu acho que você me viu lá, não foi, professora?” [...], perguntou a menina.

[...]

“Eu estava apenas assistindo ansiosa, esperando que o trem não partisse sem você!”, ela disse, se abrindo para ela. (YOSHIYA, 2016, p. 33-34)<sup>21</sup>

Em seguida, temos um breve e sutil momento de intimidade entre as duas, onde Urakami, nervosa e gaguejando, afirma que havia ficado, de alguma forma, contente ao perceber que a moça do trem seria sua professora. Aqui, marca-se um segundo momento da menina que, entregue pelas mãos dos pais na estação, chega aos cuidados (das mãos) da professora, situação que foi marcada simbolicamente pelas flores amarelas celebrando os novos espaços. Essa fala é seguida de um primeiro toque, na mão da menina, quando a professora vai pegar a gaze que caiu de seu olho. O momento é seguido de muitas reticências, característica marcante da literatura de Yoshiya, conforme pontuado por Frederich (2016), e interrompido pelo médico que volta à sala.

A intimidade entre as duas vai crescendo no decorrer da trama, mesmo que de forma muito sutil, com visitas de Reiko aos aposentos da professora, planos de viagens juntas e conversas sobre Safo, poetisa grega da ilha de Lesbos que, embora os registros de sua vida e obra sejam escassos, ficou conhecida como um símbolo do amor entre mulheres, sentimento versado em alguns de seus fragmentos que chegaram até os tempos atuais. Misao chega a passar as férias de verão com sua aluna, a convite dos pais dela. Conforme a formatura de Reiko se aproxima, o plano das duas inclui irem juntas estudar em uma universidade americana.

O envolvimento amoroso entre as duas não é pontuado explicitamente na obra, pelo contrário, ele está sugerido nos silêncios que abrem espaço para a interpretação e imaginação do leitor, via de regra, o texto sequer narra um beijo. A sexualidade das personagens aparece de forma ambígua, como no fato de que Misao começa a dar

21 Tradução nossa do inglês: “ ‘Miss Urakami, I have this feeling that I met you before coming to this school’, she said, speaking of these memories for the first time. ‘Um, yes, I know that, um — at Tokyo Station —’ the girl answered embarrassedly, her face growing red. [...] ‘We almost missed the train, and I had to run quite quickly — I think you saw me then, didn’t you, Teacher?’ [...], said the girl. [...] ‘I was just watching in suspense, hoping that the train wouldn’t leave without you!’ she said, opening up to her.”

aulas, não por uma aspiração vocacional, mas para fugir do casamento. Irem juntas para a “América” também pode ser aqui entendido como a busca por um local “livre”, onde elas poderiam continuar seus estudos e até mesmo terem um relacionamento romântico que não precisassem esconder. Assim, escolhendo outro caminho que não a heterossexualidade compulsória, nos termos de Adrienne Rich, para quem “as mulheres têm sido convencidas de que o casamento e a orientação sexual voltada aos homens são vistos como inevitáveis componentes de suas vidas - mesmo se opressivos e não satisfatórios” (2012, p. 26).

Contudo, o sonho das duas é interrompido pelo pedido da senhora Urakami, mãe da jovem aluna, que vai até a professora pedir que convença sua filha a desistir dos estudos para se casar, naquele mesmo ano, em um casamento arranjado pelas famílias. Mesmo sabendo que Reiko não queria casar e tendo “uma enorme quantidade de argumentos pelos quais não era uma boa ideia os pais decidirem com quem seus filhos casam” (YOSHIYA, 2016, p. 41),<sup>22</sup> Misao não soube como argumentar com os pais de Reiko, e concordou. Pois, mesmo ciente que a razão da garota se recusar a casar era o seu sentimento por ela, e ainda que quisesse fazer daquele amor sua armadura e mostrá-lo ao mundo, sabia que “essa é a tristeza daqueles que amam o próprio sexo e portanto não podem viver suas vidas na forma de um casamento tradicional” (YOSHIYA, 2016, p. 41),<sup>23</sup> tristeza que é redobrada pela decepção dos pais, para quem o casamento é o ápice da realização feminina.

A história se encerra, é claro, com o casamento de Reiko Urakami; Misao Katsuragi, por outro lado, segue o sonho americano sozinha, e vai fazer seu mestrado em Boston. Contudo, a tristeza e a saudade fazem com que ela acabe por largar a universidade e se mudar mais vezes; primeiramente, para Colorado, trabalhando como digitadora e, por fim, para um destino desconhecido. A obra não diz o que ocorre com Reiko após o casamento. Em ambos os casos, resta aos leitores apenas imaginar os desdobramentos dessas vidas, mais ou menos promissores, mas certamente separados.

## A classe S no Japão Imperial e sua literatura

Pesquisadoras como Debora Shmoon (2012) destacam a importância de não se aplicar teorias ocidentais sobre sexualidade ao falarmos sobre as relações entre mulheres no Japão Imperial; ou seja, tal frente teórica não considera a *classe S* como formada, efetivamente, por lésbicas. Contudo, outras teóricas, como Frederick (2016), afirmam que não se deve também cair em um essencialismo e colocar o Japão como um país que está ou estava totalmente estanque do restante da sociedade. Afinal, o termo *rezubian*<sup>24</sup> ainda não existia no Japão Imperial, mas também não havia um

<sup>22</sup> Tradução nossa do inglês: “[...] a whole array of arguments why it was not a good idea for parents to decide whom their children married”.

<sup>23</sup> Tradução nossa do inglês: “it is the sadness of those who love their own sex and therefore cannot live their lives in the form of a conventional marriage”.

<sup>24</sup> Em japonês: レズビアン, adaptação do inglês *lesbian*. Termo cunhado primeiramente como レスビ

correspondente para “lésbica” na Grécia Antiga e, ainda assim, consideramos Safo como uma representante da literatura lésbica. Temos, ademais, a representação de relações sexuais entre mulheres no Japão desde o Período Edo (1603-1868), se considerarmos as chamadas *Shunga*,<sup>25</sup> arte erótica japonesa que retratava, além de casais heterossexuais, casais formados apenas por homens ou mulheres.

Figura 4 - Casal de mulheres em *Shunga*



Fonte: Shunga is art, 2022<sup>26</sup>

Tendo em vista tal discussão, consideraremos também a importância de se pensar tal questão por um viés feminista ao discutir a trajetória dessas mulheres na história e na literatura. De modo que, talvez pela influência ocidental da qual nos é impossível fugir totalmente, pensaremos essas mulheres como lésbicas ou passíveis de serem; assim como destacaremos as especificidades da sociedade japonesa, tendo em vista a importância da intersecção entre raça, cultura e sexualidade nessa análise. Assim, evitando cair tanto em uma ocidentalização quanto uma essencialização da época.

No Japão Imperial, mais especificamente no começo do século XX, o termo *dōseiai*<sup>27</sup> foi criado para designar relações íntimas homossexuais. Como pontuado por アン (*resubian*) em 1960, tornando-se *rezubian* nos anos 70, termo utilizado até hoje, de acordo com James Welker (2010).

25 春画.

26 Disponível em: <https://www.shungaisart.com/product-page/1850-utagawa-surimono-shunga-japanese-erotic-art-woodblock-print-rare-lesbians-1>. Acesso em 27 jul. 2022.

27 同性愛, literalmente, amor homossexual.

Shamoon (2012), o termo era clínico e utilizado por sexologistas para patologizar tais relacionamentos. O termo utilizado entre as meninas era *classe S*.<sup>28</sup> O “s” era utilizado para representar diferentes termos, principalmente *shisutā*, do inglês *sister*; mas também, *sex*; *shōjo*, garota em japonês; e *esukeipu*, do inglês *escape*. Independentemente da ciência patologizar tais relações, elas existiam, até proliferavam, daí seus registros nas artes.

A pesquisadora Debora Shamoon, em seu livro *Passionate Friendship: the Aesthetics of Girls’ Culture in Japan* (2012), discute como a chamada *classe S* não equivalia exatamente ao que chamamos hoje no ocidente de lésbicas. De acordo com ela, na época, aquelas relações sequer eram consideradas subversivas ao patriarcado, pelo contrário, desde que não fossem “longe demais”, eram ferramentas da sociedade patriarcal, ou seja, um modo de formar e preparar aquelas meninas, em um espaço seguro e puro, para as relações matrimoniais heterossexuais em um futuro próximo, sem perderem a virgindade, sempre tão valorizada.

Tais relações se davam principalmente no espaço escolar, entre alunas ou alunas e jovens professoras. Como pontuado por Shamoon (2012), o conceito de adolescência feminina se alterou com a industrialização moderna de nações como o Japão. Sobretudo no Período Meiji (1868-1912), as meninas de classe média e classe média alta puderam postergar o momento do matrimônio para se dedicarem aos estudos e à educação superior. É entre essas jovens, nesse espaço, que se desenvolveu a chamada *Girls’ Culture*, com seu código de vestimenta, comunicação, relacionamentos e literatura. Os colégios femininos eram para aquelas meninas um mundo à parte.

Se relacionando apenas entre si, considerando que não era permitido se relacionar com meninos antes do casamento nem escrever sobre eles (SHAMOON, 2012), os relacionamentos entre garotas foram primeiramente considerados puros e castos. Segundo Gregory M. Pflugfelder (2005), foi por volta de 1920 que os sexólogos começaram a se preocupar com tais relações, se baseando principalmente nas teorias estrangeiras já desenvolvidas por estadunidenses e ingleses sobre a homossexualidade. Assim, as relações até então consideradas ingênuas e comuns passaram a ser tomadas por muitos como um sinal hereditário de doença mental, caso durassem para além da puberdade. Tal ideia foi difundida principalmente por Habuto Eiji, um dos sexologistas mais lidos do início do século XX no Japão. Portanto, a voz da ciência passa claramente a controlar os espaços ocupados pelas mulheres e as formas pelas quais essas se relacionavam, pressionando a obediência aos valores patriarcais, com claras demarcações para a sexualidade heteronormativa.

Porém, havia divergência quanto aos posicionamentos sobre o tema, aponta Pflugfelder (2005). Muitos sexólogos consideravam que as relações entre garotas as tornavam “masculinizadas” e podiam levar a comportamentos como criminalidade, assassinatos e suicídio, levando à cogitação de escolas mistas novamente, para que elas pudessem ter contato com rapazes. Outros, contudo, apontavam que essas relações íntimas eram normalmente seguidas de um casamento heterossexual e que

<sup>28</sup> Em japonês, クラスS(kurasu esu), também chamada de relações S (esu kankei) e comumente abreviada como apenas エス (esu).

raramente as garotas se tornavam “masculinizadas”. Para esse segundo grupo, a *classe S* continuava sendo algo ingênuo e temporário.

Aprovadas ou não, fato é que a *classe S* e a *Girls' Culture* perdurou pelo Japão Imperial, sendo tal pureza – ou promiscuidade, quando assim considerada – e recusa à heterossexualidade representadas nos livros consumidos por elas, assim como nas revistas para garotas, as quais elas não apenas liam, mas também enviavam suas próprias contribuições.

Kanako Akaeda, em *Intimate Relationships between Women as Romantic Love in Modern Japan* (2017), analisa algumas dessas publicações. Em suas análises, mostra garotas entediadas por estarem presas em um colégio feminino e que, gradualmente, passam a se interessar por uma de suas colegas de dormitório. Em uma das publicações, uma garota relata voltar à escola para visitar e sofre com o sentimento de encontrar lá a professora com quem ela teve uma relação íntima, mas foi trocada por uma de suas colegas. Um aspecto comum nesses relatos e na literatura da *classe S* em geral é o uso da linguagem formal e extremamente polida, mesmo que entre garotas de idades próximas, dando um aspecto quase trovadoresco a essa literatura:

Então você, irmã mais velha, não mais pensará em mim como irmã caçula, pensará? Por favor, por favor, irmã mais velha, me deixe chamá-la “irmã mais velha” para sempre. Você é tão maldosa.

Namiko, não, Princesa. Eu rezarei a Deus e a Buda toda noite e todo dia lá da cidade do interior mais remoto, para que você possa avançar em sua carreira. Eu venho sendo chamada de irmã mais velha até agora, para o meu prazer, porque sou superior e mais velha... amanhã, eu serei uma humilde garota do campo. Você é uma princesa venerável. (AKAEDA, 2017, p. 188)<sup>29</sup>

Como supracitado, as novelas de Nobuko Yoshiya também faziam sucesso entre essas jovens garotas. Também com linguagem formal e “floreada”, Yoshiya escrevia sobre relações entre jovens estudantes ou aluna e professora, mas também entre mulheres mais velhas, ou entre uma mulher adulta e uma adolescente. O tema, as relações íntimas entre mulheres, passou a ser rejeitado desde o que foi considerado o primeiro suicídio duplo de meninas em fase escolar em julho de 1911, aponta Akaeda (2017), mas Yoshiya continuou escrevendo sobre o tema em seus romances e também em artigos onde ela diretamente defendia tais relações como uma prática de amor e de valor imensurável do ponto de vista educacional (1923 apud AKAEDA, 2017, p. 197).

A literatura voltada para a *classe S*, embora possa parecer problemática ou não-usual ainda hoje aos olhos do senso comum do período contemporâneo, tendo em vista a sugestão de convivências homoafetivas entre garotas e, principalmente, entre garotas

<sup>29</sup> Tradução nossa do inglês: “Then you, anesama[elder sister], will not think of me as imouto[little sister] anymore, will you? Please, please, anesama, let me call you anesamaforever. You are so mean. Namiko, no, Princess. I will pray to God and Buddha every night and day from the remote countryside that you will be able to advance your career. I have been called anesamauntil now, to my delight, because I am senior and older... Tomorrow, I will be a humble country girl. You are a venerable princess”.



e mulheres mais velhas, para elas não representava um tabu. Como já mencionamos, tais relações íntimas foram por décadas consideradas saudáveis, temporárias e puras, e, mesmo com duras críticas de sexologistas a partir de 1911, muitos ainda continuaram aceitando-as como parte de uma experiência comum da adolescência.

Essa visão de “pureza” e “ingenuidade” estava bem representada nos livros e revistas da *classe S*. Embora ali fosse utilizada uma linguagem romântica, não eram narrados beijos e muito menos relações sexuais, mas uma amizade intensa e avassaladora. Ainda assim, aspectos como a busca por uma “parceira” mais velha e a obrigatoriedade de se ter apenas uma “irmã mais velha” ou “irmã mais nova”, como elas se chamavam, se mostram muito semelhantes ao modelo de relacionamento amoroso e exclusivo ao qual estamos acostumadas.

## Considerações finais

Não caberia a nós, em um breve artigo, encerrar um assunto tão delicado e cheio de camadas como esse, e responder se a *classe S* representava relações lésbicas ou não, já que não foi esse o nosso objetivo. Por outro lado, consideramos que logramos em apresentar a discussão e o tema – ainda tão pouco discutido, principalmente no Brasil –, e analisar como a novela *Yellow Rose*, de Nobuko Yoshiya, assim como tantas outras de suas obras, foi importante para aquele grupo de meninas na época.

Fomos capazes também de trazer um breve histórico da *classe S* e como ela foi vista de diferentes formas no decorrer da história do Japão Imperial, tendo em mente que estamos atravessando fronteiras históricas e culturais, ao discutir o Japão do início do século XX hoje, e a partir do Brasil. Vale considerar que, quer fosse aceita como uma fase inofensiva e temporária, para preparar aquelas garotas para o casamento heterossexual, ou, posteriormente, tomada como uma faceta perigosa e capaz de levar aquelas garotas à criminalidade, ao assassinato ou ao suicídio – no último caso, como de fato ocorreu, entre muitas garotas que cometeram suicídio juntas como forma de fugir da pressão familiar e permanecerem juntas pela eternidade –, havia público leitor para as histórias, que, em parte, dialogavam com o que era vivenciado socialmente pelas meninas e mulheres.

Por fim, buscamos também, ao longo deste texto, analisar a importância da literatura para aquelas jovens garotas como uma válvula de escape para seus sentimentos, angústias, dúvidas e, sobretudo, como uma forma de expressar seu amor por suas “irmãs” ou, quem sabe, amantes, ao longo de processos de amadurecimento, educacional, amoroso e social.

## Referências

AKAEDA, Kanako. Intimate Relationships between Women as Romantic Love in Modern Japan. In: RISSEEUW, Carla; RAALTE, Marlein Van (org.). *Conceptualizing Friendship in Time and Place*. Leiden: Brill, 2017. p. 184-204.

COELHO, Alice. Escrito por Héteros e para Héteros. *Arisusagi Medium*. Disponível em: <https://aribusagi.medium.com/escritos-por-h%C3%A9teros-e-para-h%C3%A9teros-7b3350a6cb39>. Acesso em 27 jul. 2022.

COITO, Roselene de Fátima; RIBEIRO, Jéssica Akemi Kawano. Shinjū: as lésbicas no Japão imperial (1925-1935): da biopolítica à necropolítica. In: SANTOS, Aline Rodrigues dos; FURTADO, Bruna Plath (org.). *Mulher, multiplicidades e linguagens*. Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2020. p. 185-204.

FREDERICK, Sarah. Not That Innocent: Yoshiya Nobuko's Good Girls. In: MILLER, Laura; BARDSLEY, Jan. *Bad Girls of Japan*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2005. p. 65-80.

FREDERICK, Sarah. *Reading and Writing Women's Magazines in Interwar Japan*. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2006.

IMBLER, Sabrina. The Beloved Japanese Novelist Who Became a Queer Manga Icon. *Atlas Obscura*, 2019. Disponível em: <https://www.atlasobscura.com/articles/yoshiya-nobuko-queer-manga>. Acesso em 27 jul. 2022.

IMBLER, Sabrina. Yoshiya Nobuko Memorial Museum. *Atlas Obscura*, 2019. Disponível em: <https://www.atlasobscura.com/places/yoshiya-nobuko-memorial-museum>. Acesso em 27 jul. 2022.

LELEU, Clémence. Nobuko Yoshiya, Pioneer of Japanese Lesbian Literature. *Pen*, 2020. Disponível em: <https://pen-online.com/culture/nobuko-yoshiya-pioneer-of-japanese-lesbian-literature/?scrolled=0>. Acesso em 27 jul. 2022.

PFLUGFELDER, Gregory M. "S" is for Sister: Schoolgirl Intimacy and "Same Sex Love" in Early Twentieth-Century Japan. In: MOLONY, Barbara; UNO, Kathleen (org.). *Gendering Modern Japanese History*. Massachusetts/London: Harvard University Press, 2005. p. 133-190.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas** - Estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 4, n. 05, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>. Acesso em: 4 maio. 2023.

SHAMOON, Debora. *Passionate Friendship: the aesthetics of girls' culture in Japan*. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2012.

WELKER, James. Telling her story: narrating a Japanese lesbian community. *Journal of Lesbian Studies*, v. 14, n. 1, p. 119-144, jan-mar, 2010.

YOSHIYA, Nobuko. *Yellow Rose*. Tradução e introdução de Sarah Frederick. 2 ed. Los Angeles/ Tóquio: Expanded Editions. Livro eletrônico. 2016.

Recebido em 01/08/2022.

Aceito em 28/05/2023.